

TENDÊNCIAS DA FECUNDIDADE NO ESTADO DO AMAZONAS¹

Marília Carvalho Brasil²
Hélio Augusto de Moura³

1. Introdução

Nas últimas décadas, a fecundidade⁴ no Brasil tem apresentado tendência declinante, apesar de ainda hoje haver pessoas e instituições, nacionais e estrangeiras, a afirmar que a fecundidade no País continua elevada. Em diversos estudos (Carvalho, 1981; Fernandez, Carvalho, 1986; Frias; Oliveira, 1991; Frias, Carvalho, 1994) constatou-se que, desde a década de 60, a tendência da fecundidade brasileira tem sido de uma forte queda nos seus níveis (ou seja, no número médio de nascimentos), de forma que, em 1991, a taxa de fecundidade total⁵ do Brasil, estava em torno de 2,8 filhos/mulher (isto é, cada mulher tinha, em média, 2,8 filhos). Esta taxa é bastante reduzida em comparação com a de trinta anos antes, quando este indicador estava em torno de 5,8 filhos/mulher. Esta redução verificou-se sem que houvesse sido feito nenhum programa de planejamento familiar em nível nacional, como foi observado com relação a vários países como China, Japão, República

¹ Trabalho apresentado na Mesa Redonda III "A demografia de Manaus em perspectiva histórica" do Seminário Manaus: População e Ambiente, promovido pelo Instituto de Estudos Sobre a Amazônia, da Fundação Joaquim Nabuco, Fundação Djalma Batista, Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas, Faculdades Objetivo e Livraria Valer, no período de 15 a 17 de maio de 2000, em Manaus.

² Diretora do Departamento de Pesquisas Sociais do Instituto de Estudos Sobre a Amazônia (IESAM) da Fundação Joaquim Nabuco (FJN).

³ Superintendente do IESAM/FJN.

⁴ Fecundidade é um dos principais conceitos nos Estudos de População e da Demografia e refere-se a uma variável que determina, em grande medida, o crescimento de uma população. Concerne, sumariamente, ao número de filhos que as mulheres têm durante o seu período reprodutivo (convencionalmente dos 15 aos 49 anos).

⁵ A taxa de fecundidade total mostra o número médio de filhos tidos nascidos vivos por mulher prolífica num determinado período de tempo considerado.

Dominicana, Índia, dentre outros. Deve ter concorrido para esse processo uma série de fatores, tais como, maior utilização de métodos contraceptivos (inclusive esterilização feminina), maior participação feminina no mercado de trabalho, maior número de mulheres como chefes de domicílio, mudanças de comportamento quanto à sexualidade, etc..

Em períodos anteriores à década de 1960, a fecundidade no Brasil apresentou variações bastante acentuadas, tanto ascendentes quanto descendentes. Nas diversas regiões, os níveis da fecundidade não se mantiveram constantes, de forma que aquelas menos desenvolvidas, como o Norte e o Centro-Oeste, apresentaram aumentos significativos, enquanto as mais desenvolvidas, como o Sudeste e o Sul, experimentaram significativos declínios. No entanto, a partir de meados da década de 1960, todas as regiões passaram a apresentar acentuado declínio dos seus níveis de fecundidade, tendência esta que permanece até nossos dias, apesar de diferenças em suas respectivas intensidades (Frias; Oliveira, 1991).

Dentro deste contexto, como se situa o município de Manaus no tocante às tendências da fecundidade nos períodos mais recentes? Como se tem comportado a fecundidade nos grupos de idades mais jovens? E a gravidez na adolescência, um problema preocupante no Brasil de hoje, está sendo significativa em relação à fecundidade do conjunto da população? Este trabalho objetiva analisar as informações disponíveis e responder a essas questões.

2. Metodologia

Inicialmente, procurar-se-á analisar os níveis e tendências da fecundidade e da gravidez na adolescência no município de Manaus, tendo por referência as duas últimas décadas. Para isso, divide-se em quatro etapas que interagem no momento da análise. Em primeiro lugar, analisa-se a evolução da fecundidade no Estado do Amazonas, no sentido de bem contextualizar a inserção do município de Manaus. Em seguida, analisam-se as tendências da fecundidade no município de Manaus. Segue-se uma análise particularizada sobre a gravidez entre as adolescentes residentes na capital amazonense.

Finalmente, sintetizam-se os principais achados e conclusões como meio de subsidiar programas e ações de políticas voltadas para essas questões.

Para a elaboração do trabalho foram utilizadas várias fontes de dados, a saber:

- a) dados dos Censos Demográficos de 1970 a 1991;
- b) Contagem Populacional de 1996;
- c) dados de nascidos vivos do Sistema Nacional de Nascidos Vivos (SINASC) produzidos pelo DATASUS para os anos de 1994 a 1997;
- d) Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar de 1996; e,
- e) dados do Programa de Atendimento Integral à Saúde da Mulher, Criança e Adolescente (PAISMCA) da Secretaria Municipal de Saúde de Manaus, 1998/2000.

Dentre os indicadores calculados, cabe fazer referência às taxas de fecundidade total e específicas que correspondem, respectivamente, ao número de filhos nascidos vivos por mulher em idade prolífica (15 a 49 anos) ou por grupo de mães classificadas em faixas etárias específicas.

3. Tendências da Fecundidade na Região Norte e no Estado do Amazonas

A fecundidade no Brasil e na Região Norte tem apresentado, desde a década de 1940, tendência semelhante: inicialmente ascendente, até 1960 e, a partir de então, decrescente (Tabela 1). Não obstante, os níveis da fecundidade em um e outro desses espaços tem-se mostrado bastante diferenciados. A Região Norte apresentou, em todos os períodos, valores bem superiores ao observados para o Brasil, de forma que até hoje, seus níveis são os mais elevados do País. Apesar de ter apresentado declínio bastante significativo, a fecundidade na Região Norte ainda se mantém em nível elevado. Mas, não restam dúvidas de que o Norte, da mesma forma que as demais regiões brasileiras, vem passando por um

processo que estaria configurando o chamado Terceiro estágio da Transição Demográfica⁶.

TABELA 1
BRASIL E REGIÃO NORTE – TAXA DE
FECUNDIDADE TOTAL – 1940/1991

Anos	Taxa de Fecundidade Total	
	Brasil	Região Norte
1940	6,16	7,17
1950	6,21	7,97
1960	6,28	8,56
1970	5,76	8,25
1980	4,35	6,45
1991	2,85	4,15

Fonte: NASCIMENTO, R., WONG, L.R.
Evolução da fecundidade na Região Norte
do Brasil. *Cadernos de Estudos Sociais*,
v.12, n. 2, jul./dez., 1996.

Os dados mostram que, até 1970, ampliaram-se os diferenciais entre os níveis de fecundidade prevaletentes na Região Norte e no Brasil. As mulheres residentes no Norte tinham, em 1940, uma média de 1,0 filho a mais do que as mulheres brasileiras em geral. O diferencial máximo foi atingido em 1970, quando se verificou que as mulheres nortistas tinham 2,5 filhos a mais do que a média brasileira. A partir de então, houve um declínio deste diferencial. Desta forma, a tendência observada foi de aumento do número médio de filhos das mulheres residentes na Região Norte no período de 1940 a 1960 e de queda acentuada a partir de então.

Segundo Frias e Carvalho (1994), o aumento inicial da fecundidade na Região Norte estaria relacionado à melhoria nas condições de sobrevivência e nas condições nutricionais por que passou a Região durante aquele período, o que teria induzido um aumento do número de gravidezes das quais resultaram filhos nascidos vivos. Isto teria ocorrido mesmo com a inexistência de

⁶ A Transição Demográfica é o processo por que passa uma determinada população de altos para baixos níveis de fecundidade e de mortalidade. Esse processo divide-se em três estágios: 1º) patamares iniciais de altos níveis de fecundidade e de mortalidade; 2º) declínio dos níveis de mortalidade e posteriormente dos de fecundidade; e 3º) nova estabilidade dos níveis de fecundidade e de mortalidade, porém a patamares mais reduzidos.

controle deliberado da fecundidade através de métodos contraceptivos eficazes.

A partir de 1960, embora contando ainda com os níveis mais elevados de fecundidade que registraram no País, a tendência foi nitidamente de declínio, de tal modo que, entre 1960 e 1991, o número médio de filhos das mulheres nortistas caiu em 4,4 filhos.

Mudanças sociais que determinam novos padrões de reprodução, principalmente nas áreas urbanas, estão fortemente vinculadas a essa queda que, no plano operacional, se concretiza através da utilização de métodos modernos inibitórios da concepção ou mesmo mediante recurso a métodos radicais como cirurgias para a ligadura de trompas.

Com relação ao Estado do Amazonas, houve durante o período 1970 a 1991 um declínio significativo no nível médio da fecundidade (Tabela 2). Assim, apesar de ainda se situar em patamar relativamente elevado, a fecundidade estadual vem passando pela transição que se tem verificado nos vários estados brasileiros.

TABELA 2
ESTADO DO AMAZONAS - TAXA DE
FECUNDIDADE TOTAL SEGUNDO QUADROS
DOMICILIARES - 1970/1996

Anos	Situação de domicílio		
	Total	Urbano	Rural
1970	8,46	6,71	10,14
1980	6,76	5,44	9,43
1991	4,15	3,52	6,53
1996	-	3,01	-

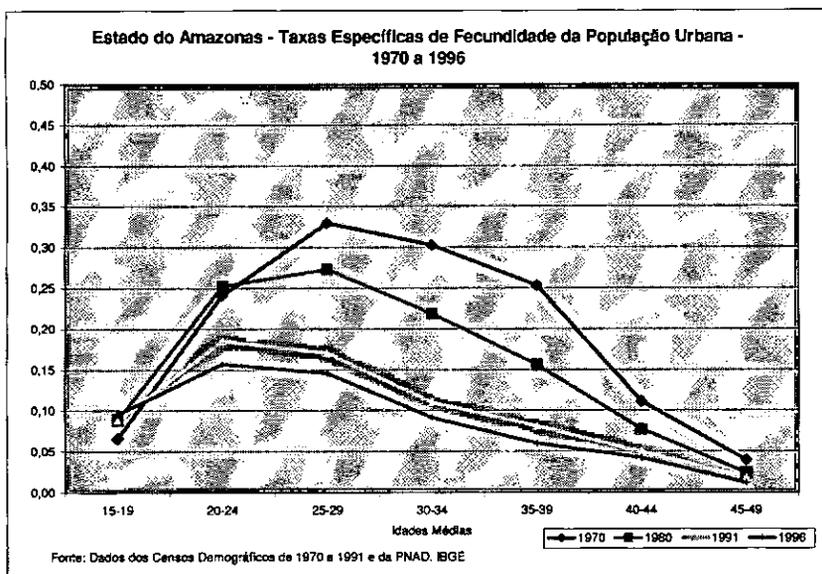
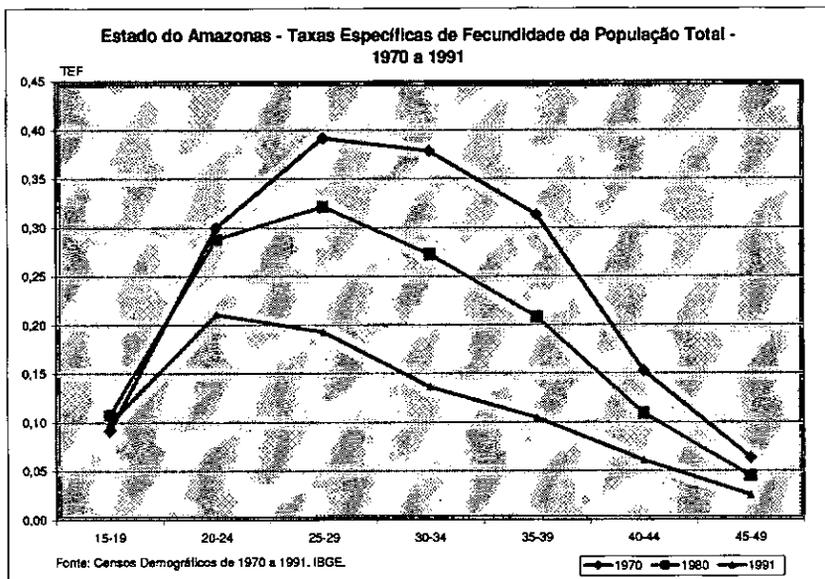
Fonte: Censos Demográficos de 1970/1991 e PNAD-1996.

Comparando o Estado com o País e com a Região, percebe-se que os diferenciais mais expressivos verificam-se entre o Amazonas e o conjunto do País. Em 1970, o Amazonas apresentava uma média de, aproximadamente, 2,7 filhos a mais do que o Brasil, diferencial este que vinte anos após decresceu para 1,3 filho. Por sua vez, praticamente não se registra mais um diferencial significativo entre os níveis médios de fecundidade

pertinentes ao Estado do Amazonas e à Região Norte como um todo.

Comparando os níveis de fecundidade pertinentes às zonas urbana e rural, verifica-se que as diferenças encontradas entre os mesmos são bastante significativas. Os valores observados apresentam uma defasagem, no período de 1970 a 1991, de aproximadamente vinte anos entre a população rural e a população urbana. Geralmente, como se sabe, o início do declínio da fecundidade está associado a uma série de mudanças que ocorrem nas mais diversas esferas da sociedade (econômica, social, cultural, político e institucional) e que se traduzem em aumento no grau de urbanização, *pari passu* a modificações nas relações de trabalho e da produção, modernização da sociedade, etc. (Nascimento; Wong, 1996). Desta forma, áreas urbanas aquelas que, geralmente, apresentam os primeiros declínios da fecundidade, o que explica o diferencial prevalecente entre os dois quadros de domicílio.

A queda da fecundidade amazonense pode ser detalhado com base nas taxas específicas de fecundidade que mostram o comportamento reprodutivo das mulheres no período 1970 a 1991 por grupos etários quinquenais (Gráficos 1 e 2). De acordo com as informações, houve uma redução importante da fecundidade atinente a todos os grupos de idades, sendo que nas idades em que as mulheres eram mais prolíficas (25 a 35 anos), tal redução ocorreu de forma mais significativa. Isto, inclusive, proporcionou mudança no padrão reprodutivo das mulheres amazonenses: os grupos etários que, em 1970, ostentavam maior número de filhos nascidos vivos (25-29 anos e 30-35 anos) perderam posição em relação ao grupo etário de 20-24 anos, que, em 1991, já se apresentava como o mais prolífico. Teria havido, assim, um “rejuvenescimento” quanto ao padrão da fecundidade amazonense por idade das mães no período considerado. Em outras palavras, as mulheres mais jovens teriam passado a ter um número maior de filhos em comparação com as mulheres de grupos etários nos quais a fecundidade era tradicionalmente a mais elevada de todas (grupos de 25-29 e 30-34 anos). Esta transformação condiz com a nova estrutura etária que a fecundidade vêm apresentando nas últimas décadas nos mais diversos recantos do país (Schor, 1998).



Com relação à área urbana, observam-se declínios até mais significativos nos níveis de fecundidade, apesar desses níveis já serem mais reduzidos que os da população total. A fecundidade conforme os diversos grupos de idade apresenta a mesma tendência que a verificada com relação à população total do Estado, indicando a grande influência que a componente urbana está assumindo em relação ao rejuvenescimento da fecundidade feminina no Amazonas.

4. A Fecundidade Manauara no Período Recente

Obviamente, ao concentrar metade de toda população estadual, as tendências demográficas atinentes a Manaus conformam aquelas pertinentes ao Estado. Isto não foge à regra no caso da fecundidade, a não ser pelo fato de que os níveis das taxas de fecundidade total e das respectivas taxas específicas se mostraram sempre inferiores às médias estaduais. Assim é que as mulheres manauaras que, em 1960, apresentavam uma média de 7,2 filhos nascidos vivos, tiveram reduzida sua fecundidade, em 1996, para apenas 2,2 filhos (Tabela 3), ou seja, para um nível bastante próximo ao da pura e simples reposição⁷. Níveis tão baixos estão associados ao fato de ser o município de Manaus a área urbana por excelência do Estado, onde o comportamento reprodutivo deve ser mais influenciado pelos padrões modernos e/ou de modernização que se acham em curso no País.

Comparando os níveis da fecundidade estadual e municipal, percebe-se que o respectivo declínio teve no município com anterioridade. Considere-se a propósito o grande diferencial entre Estado e Município, em 1970, ano no qual as mulheres amazonenses tinham, em média, aproximadamente, três filhos a mais que as manauaras. Em 1991, esta diferença já havia caído para cerca de 1,0 filho.

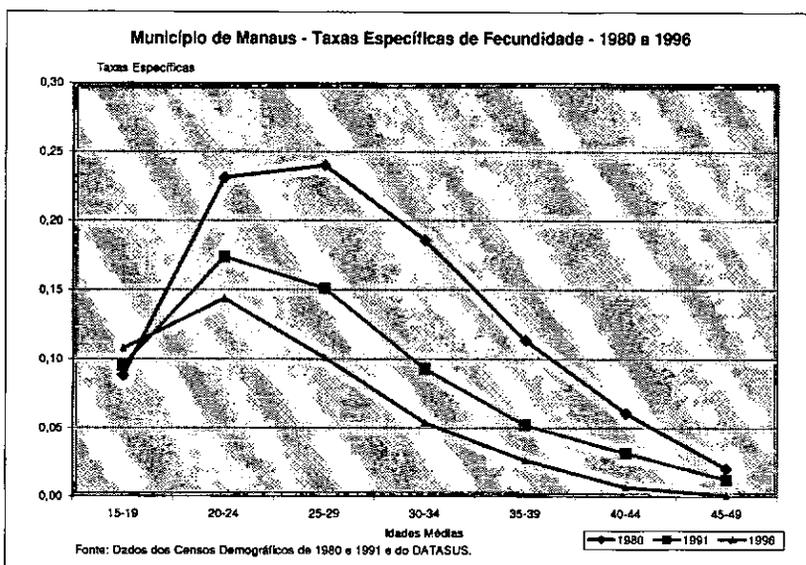
⁷ Nível de reposição representa a capacidade com que uma determinada geração de filhas recém-nascidas pode repor a geração de mulheres a qual pertencem as mães. Para se estimar o nível de reposição de uma população utiliza-se, geralmente, a taxa líquida de reprodução, que leva em consideração tanto a fecundidade quanto a mortalidade femininas. A reposição pode ser considerada perfeita quando o total de nascidas vivas da primeira geração for igual ao tamanho inicial da geração de filhas.

TABELA 3
MUNICÍPIO DE MANAUS – TAXA DE
FECUNDIDADE TOTAL, VARIAÇÃO NO NÚMERO
MÉDIO DE FILHOS E DIFERENCIAL EM RELAÇÃO
AO ESTADO – 1960/1996

Anos	TFT (Filhos / mulher)	Variação no nº médio de filhos	Diferencial em Relação ao Estado (nº de filhos)
1960	7,20		
1970	5,70	-1,50	-2,76
1980	4,70	-1,00	-2,06
1991	3,05	-1,65	-1,10
1996	2,20	-0,85	-

Fonte: Censos Demográficos de 1980 a 1991 e PNAD-1996.

Em consonância com o que se verificou em nível estadual, o comportamento reprodutivo das mulheres manauaras, no período de 1980 a 1996, também se caracterizou por um declínio significativo da fecundidade nas diversas faixas etárias, sendo que um dos períodos onde essa redução foi maior correspondeu à década de 80 (Gráfico 3). Da mesma maneira, verificou-se mudança no padrão etário dessa fecundidade de tal forma que as idades mais jovens passaram a crescer de significância no cômputo geral da mesma. Pode-se ver, pelo já referido gráfico, como a fecundidade das mulheres manauaras “rejuvenesceu”.



Esse rejuvenescimento fica também demonstrado através da fecundidade relativa, que mostra a proporção que as mulheres de cada faixa etária representam na fecundidade total do período considerado. Percebe-se através da Tabela 4, que a proporção de filhos tidos nascidos vivos pelas mulheres manauaras apresentaram decréscimos importantes com relação aos grupos etários a partir dos 25-29 anos. Ao mesmo tempo, os grupos mais jovens tiveram expressivos ganhos de posição relativa, principalmente o grupo de 15 a 19 anos, que corresponde a faixa de mulheres adolescentes. Este grupo teve mais do que triplicada, entre 1970 e 1996, a sua participação em termos de fecundidade relativa, sendo que, entre 1980 e 1996, tal participação foi quase duplicada.

TABELA 4
MUNICÍPIO DE MANAUS – FECUNDIDADE
RELATIVA POR FAIXA ETÁRIA (%) – 1970 A 1991

Grupos de Idades	Períodos			
	1970	1980	1991	1996
15-19	4,89	8,16	12,54	15,84
20-24	17,99	23,17	26,40	26,08
25-29	24,54	25,05	24,22	24,11
30-34	22,55	20,08	15,67	15,15
35-39	18,83	14,28	11,53	9,90
40-44	8,28	7,07	7,07	7,03
45-49	2,92	2,18	2,57	1,89
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Censos Demográficos de 1970 a 1991 e PNAD-1996.

Por outro lado, os grupos de mulheres que mais tiveram reduzida sua participação no cômputo geral do número de filhos foram os de 30 a 34 e 35 a 39 anos. O grupo que permaneceu com participação relativamente estável foi o de 25 a 29 anos, que corresponde, justamente, aquele no qual se situa a média etária em que as mulheres de Manaus atualmente tem seus filhos.

Uma das conseqüências da modificação no padrão da fecundidade manauara e amazonense é a redução dessa idade média. No caso de Manaus, ela reduziu-se de 28,4 anos para 24,4 anos, entre 1980 e 1996, o que sem dúvida tem a ver, em larga medida, com o forte aumento da gravidez na adolescência, que se acha em curso na cidade.

5. A Gravidez na Adolescência em Manaus

O aumento da gravidez na adolescência tem-se verificado em todo o País, sendo a Região Norte aquela que apresenta uma das maiores taxas de prevalências de gravidez entre mulheres menores de vinte anos. Manaus, por sua vez, inclui-se entre as cidades onde essa incidência é maior.

De acordo com os dados mais recentes do Sistema de Informações de Nascidos Vivos (Sinasc) liberados pelo Datasus,

o número de nascimentos ocorridos no período de 1994 a 1997 no município de Manaus cresceu 8,6%, tendo atingido um total de 36,3 mil nascidos. Os nascimentos resultantes daquelas mães menores de vinte anos apresentaram aumento expressivo, ao passo que os das mães com idades entre 25 e 29 anos mantiveram-se praticamente constantes em termos percentuais.

TABELA 5
MUNICÍPIO DE MANAUS – PROPORÇÃO DE NASCIDOS
VIVOS SEGUNDO IDADE DA MÃE E ANO DE
NASCIMENTO – 1994/1997

Idade da Mãe	Ano do Nascimento			
	1994	1995	1996	1997
10 a 14 anos	1,26	1,46	1,30	1,34
15 a 19 anos	25,86	28,50	28,01	28,36
20 a 24 anos	32,90	33,62	33,25	34,10
25 a 29 anos	20,12	20,21	19,75	20,14
30 a 34 anos	9,49	9,33	8,98	9,49
35 a 39 anos	3,77	3,60	3,65	3,48
40 a 44 anos	0,86	0,88	0,69	0,85
45 a 49 anos	0,12	0,06	0,05	0,07
Id. Ignorada	5,63	2,35	4,29	2,15
Total	100,00	100,00	100,00	100,00
Nº Nascidos	33.476	34.423	36.206	36.362

Fonte: Dados do Sinasc/Datasus. 1994/1997.

Nota: os dados referem-se ao local de residência da Mãe.

O aumento da gravidez na adolescência vem gerando fortes preocupações no seio de várias camadas da sociedade, nos meios científicos e profissionais e naqueles setores governamentais nos quais estão afeitas responsabilidades no trato de questões ligadas à saúde e ao bem-estar da população brasileira. Preocupam as conseqüências advindas mais diretamente não só nos próprios estratos de adolescentes (problemas médicos vinculados à fase de amadurecimento do aparelho reprodutor, instabilidade psicológica, riscos obstétricos, etc.), mas também aquelas conseqüências de

natureza social como uniões mais instáveis, mas ampla da prostituição, mendicância, abandono dos filhos, etc.

Estudo realizado por Galvão et al. (1996), no ano de 1995, com mães adolescentes entre 13 e 19 anos, apresentou as seguintes características com relação à gravidez na adolescência que ocorre em Manaus:

- a faixa etária predominante é a de 17 aos 18 anos, seguida da de 15 a 16 anos;
- o maior percentual (50,1%) é de adolescentes grávidas que mantêm um relacionamento informal (“amigadas”), seguida pelas solteiras (32,5%);
- predominam as adolescentes que iniciaram atividade sexual precocemente, em torno dos 15 anos. Dentre estas, a menarca ocorreu por volta dos 13 anos;
- com relação ao planejamento da gravidez, observou-se que a maioria não o havia feito (65,3%);
- quanto ao tipo de parto, 84,7% das adolescentes experimentaram parto vaginal e um terço não realizou pré-natal; entre as mães que o fizeram, a maioria só iniciara após o terceiro mês de gestação;
- em relação ao uso de métodos contraceptivos, 70,0% das adolescentes não faziam uso de nenhum método;
- ao engravidar, a maioria das adolescentes de Manaus (61,0%) freqüentava escola;
- 42,6% das adolescentes tinham baixa escolaridade: ao engravidar, freqüentam da primeira à quarta série; e
- 42,7% delas sobreviviam com renda familiar de 1 salário mínimo, quando engravidaram.

Entre os dois grupos quinquenais de adolescentes, o que conjuga mulheres com 15 a 19 anos é o que apresenta fecundidade maior. Outros trabalhos sobre gravidez na adolescência que se refere a outras partes do país também assinalam o mesmo (ver Melo, 1996; Silva, 1996; e Schor, 1998). E isto é explicado por diversos fatores como, por exemplo, fatores fisiológicos como o “amadurecimento” do próprio aparelho reprodutor feminino que permite maior probabilidade de as gravidezes produzirem nascidos vivos do que no grupo de adolescentes mais precoces (10 a 14 anos).

Apesar da menarca ocorrer em idades bastante prematuras, observa-se que há uma certa defasagem entre a menarca e o início da atividade sexual, o que faz com que, isto conseqüentemente faz com que o grupo de 15 a 19 anos seja aquele em que a atividade sexual passe a ter uma certa freqüência, diferentemente do grupo etário anterior, onde essa atividade muitas vezes é de natureza ocasional. Outro fator importante diz respeito à ausência de utilização de métodos contraceptivos, bastante comum entre as adolescentes, o que aumentou a propensão à gravidez. As mulheres classificadas nesse segmento populacional ao iniciar sua vida sexual não estão preparadas para considerar todos os riscos que este processo implica. Confirma-se isto claramente ao se verificar que mais de 2/3 desta população não adotava nenhum método contraceptivo nas suas relações sexuais e o fato de a grande maioria das gravidezes não ter sido desejada.

Quanto aos aspectos socioeconômicos, a pesquisa realizada em Manaus evidenciou claramente que as adolescentes pertencem a famílias de baixa renda e tinham baixa escolaridade ao engravidar. É bem possível que mais “achados” se devam em alguma medida à influência dos locais onde foram coletadas as informações, pois as maternidades pesquisadas localizam-se em áreas de baixa renda, como são os casos das Maternidades Balbina Mestrinho e Brigitta Daou. Mas será que em outros estabelecimentos do gênero o perfil das adolescentes grávidas seria muito diferente? Mesmo que fosse, isto não invalidaria os resultados da pesquisa em comentário, dada a elevada proporção de população pobre que reside na capital amazonense.

6. Considerações Finais

A fecundidade no Brasil apresentou variações bastante acentuadas na primeira metade deste século, o que também se pode dizer no tocante às diversas regiões brasileiras. Nesse período, a fecundidade chegou a aumentar, por vezes exponencialmente. No entanto, a partir de meados da década de 1960, verificou-se um acentuado declínio dos níveis de fecundidade em todas as regiões do País, tendência da qual a Região Norte não esteve ausente. Mas apesar do declínio

acentuado, o nível da fecundidade nortista ainda se mantém elevado. É incontestável, por um lado, a tendência de declínio da fecundidade regional, de tal forma que, entre 1960 e 1991, diminuiu, em média, 4,4 filhos por mulher.

Acompanhando a tendência observada na Região Norte, o Estado do Amazonas também apresentou, no período de 1970 a 1991, declínio significativo no nível médio da sua fecundidade. As variações que se configuraram durante esse período mostram claramente que o Estado do Amazonas vem passando por uma transição da sua fecundidade. A fecundidade média do Amazonas passou de, aproximadamente, 2,7 filhos a mais do que o Brasil para um diferencial de apenas 1,3 filho entre esses dois anos extremos. Ao mesmo tempo, praticamente desapareceu o diferencial de fecundidade outrora existente entre o Estado do Amazonas e a Região Norte como um todo.

A queda da fecundidade amazonense ocorreu em todos os grupos de idades, principalmente nos de 25 a 29 e 30 a 34 anos, onde era maior, em 1970, a prolificidade feminina. As mudanças ocorridas no padrão reprodutivo das mulheres amazonenses fizeram com que esses dois grupos etários perdessem posição em relação ao de 20-24 anos que, em 1991, já se apresentou como o mais prolífico de todos. Estaria havendo, pois, um “rejuvenescimento” do padrão da fecundidade amazonense segundo a idade das mães.

As tendências demográficas do município de Manaus conformam-se, em grande medida, àquelas referentes ao Estado. É o caso, por exemplo, da tendência da fecundidade, embora importe mencionar que os seus respectivos níveis têm historicamente se mostrado inferiores às respectivas médias estaduais. Assim é que as mulheres manauaras passaram de uma média de 7,2 filhos nascidos vivos para 2,2 filhos no período entre 1960 a 1996. Já estariam, pois, com uma fecundidade média bastante próxima ao nível de reposição, o que deve ter a ver com o fato de ser Manaus a principal cidade do Estado e uma das grandes cidades do País, onde o comportamento reprodutivo deve ser bastante influenciado por padrões modernos e/ou de modernização que se acham em curso nas áreas urbanas do Brasil.

Também no caso de Manaus, o padrão etário de fecundidade das mulheres caracterizou-se por um

rejuvenescimento: as mulheres mais jovens experimentaram aumento significativo na composição relativa da fecundidade total. Este maior aumento disse respeito ao grupo de 15 a 19 anos, isto é, o grupo que classifica mulheres em idades plenamente adolescentes, as quais tiveram triplicado, entre 1970 e 1996, o seu número médio de filhos.

A gravidez na adolescência tem crescido expressivamente em todo o País. No entanto, é na Região Norte onde se verifica talvez a maior prevalência maior de mulheres grávidas menores de vinte anos. Manaus inclui-se entre as cidades brasileiras onde essa incidência é mais alta. Segundo as informações do Sinasc/Datasus referentes ao período de 1994 a 1997, os nascimentos propiciados por mães menores de vinte anos apresentaram aumento expressivo na capital amazonense, onde representa, aproximadamente, 30,0% do contingente de nascidos vivos do município.

Pelo que se viu, e ao contrário do que ainda se comenta e se assevera muito em Manaus e no Amazonas, não se pode mais atribuir ao crescimento populacional a causa principal dos males sociais que afligem muito as respectivas populações. De fato, a fecundidade das mulheres amazonenses e manauaras vem apresentando significativo declínio há já algum tempo, o que tem contribuído, juntamente com a queda da imigração líquida, para o declínio significativo que se tem observado nas taxas de crescimento populacional de Manaus e do Estado do Amazonas. Por certo, os resultados do Censo Demográfico de 2000 irão frustrar certas estimativas exageradas que antes existiam a respeito da dimensão populacional dessas duas áreas, principalmente a capital.

Mas se a nova intensidade de crescimento da população afugenta aqueles fantasmas alimentados pelo receio histórico e histórico de uma “explosão demográfica”, nem por isso o novo padrão demográfico que se esboça com relação ao Amazonas e a Manaus deve deixar de gerar preocupações menos válidas com relação às implicações e conseqüências que ele encerra em seu bojo. O novo padrão, decorrente principalmente da queda da fecundidade, condiz, em última análise, com um processo de envelhecimento populacional que já se encontra em curso e do qual já existem evidências concretas. Em grandes linhas, durante a sua ocorrência, esse envelhecimento tende a se caracterizar por

uma queda relativa na participação de população em idades infantis sobre o total da população e por aumentos que tenderão a se tornar cada vez mais significativos com relação à população em idades avançadas. Ao longo desse processo, tenderão também a aumentar as participações dos segmentos populacionais em idades juvenis e em idades ativas.

Em conseqüência, durante essa passagem de uma estrutura demográfica jovem para uma estrutura idosa, estarão também em mutação os próprios perfis das demandas sociais, isto é, deverão variar de intensidade e em novidade as necessidades das populações e, portanto, as ofertas e respectivas ações dos setores governamentais relacionadas com o suprimento e atendimento de seus bens e serviços de natureza pública. Assim, por exemplo, e em linhas gerais, deverá se reduzir a pressão da demanda por novas escolas fundamentais e por atendimento pediátrico em favor de uma demanda mais intensa por atendimento geriátrico e ensino de nível médio. Em termos de rebatimento quanto à orientação de políticas públicas a serem formuladas no campo da educação, há que se atentar para a possibilidade de considerar a melhoria na qualidade do ensino fundamental, tanto ou mais até do que sua quantidade, como uma nova realidade que doravante tem condições de assumir, com maior viabilidade, lugar de destaque nas propostas dos que planejam e administram o respectivo setor.

Também se farão sentir pressões, cada vez mais forte, no mercado de trabalho por parte de jovens que atingirão idades ativas, cujo volume estará e permanecerá durante longo tempo bastante ampliado não só pelo fato de ser constituído por segmentos populacionais oriundos de coortes passadas de alta fecundidade, como também devido às maiores taxas de sobrevivência a que os mesmos passaram a ser expostos em razão da queda também em curso na mortalidade. Tenderão, pois, a crescer as pressões sobre o mercado de trabalho e o segmento da população em idades ativas deve passar a crescer a ritmo mais rápido do que a população total.

Por outro lado, se a economia brasileira não estivesse passando pela fase recessiva que a vem caracterizando há já bastante tempo, seria de esperar que o período de quarenta a cinquenta anos de passagem dessa “bolha” populacional pela ampla faixa etária de pessoas aptas para o trabalho fosse

também, no caso de tal segmento estar formalmente empregado, um período favorável ao ajustamento, do ponto de vista demográfico, entre o potencial de geração de receitas e a cobertura de necessidades referentes à população envelhecida. Portanto, parece ser este o momento propício para chamar a atenção de que as dificuldades por que vem passando o financiamento da previdência social no Brasil e em seus estados é menos uma questão demográfica, como geralmente se apregoa, pois tem mais a ver com as próprias debilidades de uma economia incapaz de gerar emprego em quantidade suficiente para atender a demanda e financiar o *deficit* previdenciário.

Portanto, a nova estrutura demográfica amazonense e manauara têm que ser entendida para que as demandas sociais dela subjacentes possam ser atendidas de forma eficaz, permitindo, assim, uma melhor qualidade de vida da população.

Referências Bibliográficas

BRASIL, M.C.; SANTOS, C.A. dos; MOURA, H.A. de (orgs.). *Retrato populacional do Amazonas*. Recife: FJN, Ed. Massangana, IESAM, 2000. (Estudos e Pesquisas, 109).

CANNON, L.R.C.; BOTTININ, B.A. "Saúde e juventude: o cenário das políticas públicas no Brasil". In: CNPD. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD, 1998. v. 1, p. 397-419.

CARVALHO, J.A.M. de; PAIVA, P. de T. A.; SAWYER, D.R. *A recente queda da fecundidade no Brasil: evidências e interpretação*. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1981. (Monografia, 12)

FERNANDEZ, R.E.; CARVALHO, J.A.M. de. "A evolução da fecundidade no Brasil 1957-1979". *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, v.3, n.2, jul./dez., 1986.

FRIAS, L.A. de M.; OLIVEIRA, J.C. "Níveis, tendências e diferenciais de fecundidade no Brasil a partir da década de 30". *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, v.8, n.1-2, jan./dez., 1991.

FRIAS, L.A. de M.; CARVALHO, J.A.M. de. "Fecundidade nas regiões brasileiras a partir de 1903: uma tentativa de reconstrução do passado através das gerações". In: *ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS POPULACIONAIS*, 9. Anais... ABEP. Caxambu: 1994.

FORMIGA FILHO, J.F.N. "Políticas de saúde reprodutiva no Brasil: uma análise do PAISM". In: GALVÃO, L.; DÍAZ, J. (orgs.). *Saúde Sexual e Reprodutiva no Brasil: dilemas e desafios*. São Paulo: Hucitec/Population Council, 1999.

GALVÃO M.D. et al. "Gravidez em adolescentes amazonenses". *Revista da Associação Médica do Amazonas*. Manaus: v.1, n.2, p. 200-270, 1996.

GOLDANI, A.M. "O regime demográfico brasileiro nos anos 90: desigualdades, restrições e oportunidades demográficas". In: GALVÃO, L.; DIAZ, J. (Orgs.). *Saúde Sexual e Reprodutiva no Brasil: dilemas e desafios*. São Paulo: Hucitec/Population Council, 1999.

IBGE. *Censos Demográficos de 1970 a 1991*.

_____. *Contagem de População*. 1996.

_____. *Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar*. 1996.

MELLO, M.L. de; MOURA, H.A. de (orgs.). *Migrações para Manaus*. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1990. (Estudos e Pesquisas, 78).

MELO, A.V. de. "Gravidez na adolescência: uma nova tendência na transição da fecundidade no Brasil". In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 10. 1996. Caxambu, *Anais...* São Paulo: ABEP, 1996.

NASCIMENTO, R.; WONG, L. "Evolução da fecundidade na Região Norte do Brasil". *Cadernos de Estudos Sociais*. Recife: v.12 n.2, p. 315-340, jul./dez. 1996.

SCHOR et al., N. "Adolescência: vida sexual e anticoncepção". In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 11. 1998. Caxambu: *Anais...* São Paulo: ABEP, 1998.

SILVA, R. de S. e. "Gravidez na adolescência: aonde mora o problema?" In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 10. 1996. Caxambu: *Anais...* São Paulo: ABEP, 1996.

TORRES, J.L. "Estudo epidemiológico de gravidez em adolescentes de 10 a 16 anos em 3 maternidades de Manaus". *Revista da Associação Médica do Amazonas*, Manaus, v.1, n.2, p. 43-50, 1996.

